

A leitura crítica midiática na Educação de Jovens e Adultos

The mediatic critical reading in
youth and adult education

Gicele Weinheimer

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Rio Grande do Sul

gicele.weinheimer@gmail.com

Julio Cesar Bresolin Marinho

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Campus Uruguaiana

juliomarinho@unipampa.edu.br

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa participante realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), objetivando desenvolver uma leitura crítica de notícias divulgadas por *sites* da *internet*. Como procedimentos metodológicos, os alunos realizaram uma busca de notícias, em *sites* da *internet*, que apresentassem ações ditas éticas ou não. Os *links* das notícias foram postados em um *blog*, assim como o comentário dos alunos sobre as mesmas. Os comentários e *links* possibilitaram a análise do nível de persuasão dos discursos midiáticos, através da perspectiva ético-estética foucaultiana. Os materiais postados no *blog* nos possibilitaram verificar que a maioria das notícias tinham cunho político. As ações dos políticos foram consideradas antiéticas pela maioria dos alunos em seus comentários no *blog*. Percebemos que houve uma tentativa de ler criticamente as informações disponibilizadas na *web*. Todavia, acreditamos que nossos alunos precisam desenvolver mais sua capacidade analítica, percebendo as relações de poder que permeiam os diversos discursos midiáticos. Ressaltamos que a experiência realizada consistiu em um caso específico – um recorte espaço-temporal. Não estabeleceremos aqui uma conclusão universalmente válida, dando a solução infalível ao caso. Fizemos uma tentativa de desenvolver um conteúdo filosófico com o auxílio da mídia, mas não sabemos o grau de assimilação dos alunos envolvidos. O que podemos postular é que lançamos sementes desconfortantes, vírus mortal no corpo do anacrônico sistema de ensino que coloca em um trono o professor onissapiente que derrama sua sabedoria sobre os alunos, vasos vazios.

Palavras-chave: Foucault. Leitura crítica. Mídia. EJA.

Abstract

This article presents a participative research of students in education modality for youths and adults, aiming to develop a critical reading of news published by internet sites. As methodological procedures, students held a news search on the internet sites, to present ethical or not such shares. The links of the news was posted on a blog, as well as the review of students on them. Comments and links enabled the analysis of persuasion level of media discourses, through ethical and aesthetic Foucault's perspective. The materials posted on the blog enabled us to see that most of the news were politically motivated. The actions of politicians were considered unethical by most students in their comments on the blog. We realized that there was an attempt to critically read the information available on the web. However, we believe that our students need to develop more its analytical capacity, realizing the power relations that permeate the various media discourses. We stress that the experiment was carried out in a specific case - a cutout space-time. Not here we will establish a universally valid conclusion, giving foolproof solution to the case. We made an attempt to develop a philosophical content with the help of the media, but do not know the degree of assimilation of the students involved. What we can postulate is that we launched discomfoting seeds, deadly virus in the body of anachronistic education system laying on a throne all-knowing teacher who pours his wisdom on students, empty vessels.

Keywords: Foucault. Critical reading. Media.

Questionamentos que nos levam à investigação

A presente pesquisa foi elaborada tendo como ponto de partida a atuação de alunos frente às teorizações foucaultianas perpassadas e aplicadas às mídias. Foram escolhidos para participarem desta pesquisa 15 alunos do terceiro ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma Escola Estadual da cidade Arroio dos Ratos, região metropolitana de Porto Alegre, RS. As idades dos discentes da turma variavam de 18 a 43 anos, tornando-a bastante diversa culturalmente.

Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) mostram que a EJA é necessariamente considerada como parte integrante da história da educação em nosso país, como uma das arenas importantes em que vêm se empreendendo esforços para a democratização do acesso ao conhecimento. Para esses autores, muitas vezes se adotam concepções mais restritivas sobre o lugar da EJA, entendendo como marginal ou secundário, sem maior interesse do ponto de vista da formulação política e da reflexão pedagógica. Nós visualizamos nessa modalidade de ensino um lugar de potentes discussões no qual o professor por meio de sua *práxis* pode auxiliar o aluno a aumentar sua visão de mundo.

Deste modo, a partir do estudo ético-estético foucaultiano desenvolvido com esses alunos, pretendemos, por meio do uso das mídias, precipuamente da *internet* e do *blog*¹, desenvolver a capacidade crítica diante do mundo, possibilitando-lhes a percepção da intencionalidade dos discursos ali expostos. Mais críticos, os alunos poderão viver como artistas-inventivos, experimentando as situações que a vida e os meios de comunicação lhes apresentam. Responsáveis por suas ações, poderão colaborar na construção de uma sociedade mais flexível e autônoma, agindo como se a vida fosse uma obra de arte, sem preconceitos ou valores ultrapassados.

¹ Araújo (2010) relata que o termo *weblog* foi apresentado pela primeira vez em 1997, e posteriormente em 1999 passou a ser conhecido apenas como *blog*. Segundo tal autora, essa ferramenta se faz presente no cotidiano de internautas do mundo todo e vem sendo aperfeiçoada e usada de forma dinâmica. Barros (2004 *apud* ARAÚJO, 2010) situa os *blogs* como parte de uma crescente conjunção de comunicação pessoal e ferramentas de gerenciamento de informação, os quais contribuem para trazer informação, novidades e *web sites* de uma maneira muito eficiente, para leitores que compartilham dos mesmos interesses. Araújo (2010, p. 202) nos apresenta que “a publicação de textos em um *blog* prevê a interação com os leitores por meio de comentários, o que possibilita a troca e disseminação de informação e experiências vivenciadas pelo autor e pelos leitores”. Por possibilitar a interação e a troca de informações, optamos por utilizar essa ferramenta para a produção dos dados em nosso estudo.

De que modo a perspectiva ético-estética foucaultiana, aliada à utilização de mídias, pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de Filosofia, aplicada aos alunos do terceiro ano da EJA? Tendo em vista esse problema, desenvolvemos a discussão. Tentando dar à pesquisa um caráter experimental, em que a verdade absoluta não é buscada, daremos apenas respostas possíveis, fluidas, flexíveis, um vir-a-ser desmedido. Não trataremos de um caso que aplicar-se-á no espaço-temporal indeterminadamente, e sim um caso específico, particular.

A partir de uma problemática pré-estabelecida, objetivamos desenvolver nos educandos a habilidade de perceber o mundo sob múltiplos focos e não apenas sob uma ótica retrógrada de valores ditados por uma sociedade disciplinar, castradora da criatividade humana. As mídias formaram a teia necessária para a concretização desta pesquisa, pois foi por meio delas que os alunos aplicaram o seu conhecimento filosófico, assim como foi possível explorá-lo, analisá-lo e modificá-lo. Ao mesmo tempo em que aplicaram seus conhecimentos, desenvolveram suas habilidades em relação ao uso do computador e da *internet*, desbravando um mundo de possibilidades antes sequer cogitado.

Explorando perspectivas

Pensar o professor hoje leva-nos a questionar o seu modo de ser e estar no mundo, na escola, nos espaços em que frequenta, nas relações que estabelece. Quem é esse indivíduo? Para a Filosofia da Diferença², um professor deve ser múltiplo: abrasivo, provocador, orientador, poeta, artista. Para Corazza (2008, p. 92), um docente da diferença “não se identifica, não imita, não estabelece relações formais e morais com algo ou alguém, mas estuda, aprende, ensina, compõe, canta, lê, apenas com o objetivo de desencadear devires”. Um professor deve ser um artista, um inventor, um artistador. Não há espaço para a acomodação. Devem-se planejar constantemente as aulas, variando os conteúdos conforme o público e o seu interesse. Repetir fórmulas velhas e cansadas? Não há fórmulas, apanágio para os males escolares! A criatividade deve ser reabilitada, deve fluir pelo corpo, torná-la

² A Filosofia da Diferença é a queda do homem moderno, iluminista, dual, e o advento de uma perspectiva que valoriza a diferença, o movimento, o vir-a-ser. Ela instaura um olhar sobre o diferente, o periférico, o excluído, o novo, repudiando o conhecimento tradicional e preconceituoso.

práxis. Um docente da Diferença, pós-estruturalista, não teme o novo, a variação, o desafio, a oportunidade de provocar e suscitar inspirações.

Apostamos teoricamente em Michel Foucault, visto que é um filósofo transgressor, que nega a universalidade do saber, a verdade absoluta. Basta às teorias tradicionais que ensinam modelos inquebráveis de ser e de agir, vendendo uma visão unidirecional. Não podemos temer a censura, a discriminação. Precisamos fazer microrrevoluções constantemente. Se há poder, há possibilidade de resistência e abrem-se espaços para práticas de liberdade (LOPONTE, 2003). Um professor deve fazer de sua sala de aula um espaço para práticas de liberdade, possibilitando aos seus alunos o estudo de múltiplas perspectivas, não apenas do velho, do ultrapassado. Segundo Veiga-Neto (2007, p. 15), foi “com base em Foucault que se pode compreender a escola como uma eficiente dobradiça capaz de articular os poderes que aí circulam com os saberes que a enformam e aí se ensinam, sejam eles pedagógicos ou não”. Nesse sentido, Foucault pode dialogar conosco no que concerne ao mundo escolar.

Por que uma perspectiva ético-estética? Quem nunca avaliou as suas próprias ações, as ações dos outros? O ser humano é um ser valorativo, que julga tudo o tempo todo. O certo e o errado, o bem e o mal, são buscados incessantemente. No entanto, como saber o que é certo e o que é errado, bem ou mal? Qual o critério utilizado quando julgamos alguém ou uma ação? Com o pós-estruturalismo, aprende-se que hoje não há mais espaço para essas dicotomias. Segundo Hermann (2005, p. 89):

A construção estilizada do sujeito ético não se dá através de regras morais categóricas, mas de acordo com uma arte de viver que parte da escolha de práticas e fórmulas ideais já conhecidas socialmente. A decisão mais importante é aquela que os indivíduos tomam em relação a si mesmos e aos outros, a estetização da ética, enquanto um processo de criação e construção de técnicas singulares, em que o sujeito gestione sua própria liberdade.

Nesse aspecto, quando se decide tomar a sua vida nas próprias mãos, não agindo mais segundo regras externas, criadas para manter a sociedade nas rédeas, estabelecendo os próprios princípios éticos, está se transformando a ética em estética. As pessoas, em vez de seguirem fórmulas arraigadas, devem criar seus próprios conceitos, agindo conforme sua própria perspectiva. Ser artista de sua vida

é permitir que os instintos mais recônditos e adormecidos venham à tona, deixando-se livre para experimentar aquilo que a imaginação quiser falar. Contudo, não podemos esquecer de que vivemos rodeados por outras pessoas iguais a nós. Por isso, nossas ações devem ser pensadas também em relação aos outros, colocando-nos em seu lugar e tentando perceber se as nossas próprias ações nos beneficiariam ou prejudicariam.

Chamamos ético-estética a perspectiva foucaultiana que relaciona duas áreas de estudo filosóficas: ética e estética. Para atender à questão sobre o tipo de ética que poderia ser constituída hoje, Foucault (1995) responde que seria uma ética na qual a vida humana poderia transformar-se em uma obra de arte, uma ética-estética:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1995, p. 261).

De acordo com essa perspectiva, por meio do cuidado de si, as pessoas viriam a governar a si mesmas. E governando a si mesmas elas cuidariam também dos outros, constituindo uma prática social, solidária e não mais individualista. Por isso que um artista, ao construir seus próprios conceitos, preocupa-se com o bem geral. O individualismo cai por terra, pois ao escolher-se um modo de vida ético-estético, está se escolhendo também a melhor maneira possível, e isso inclui o cuidado com os outros. Do que adiantaria nós estarmos “bem”, se uma maioria de conhecidos está “mal”? Escolher um modo de vida artista denota reflexão, sensibilidade, solidariedade, parcerias, amizades. Por esse motivo escolhemos transformar nossas vidas em obras de arte, permitindo também que cada um dos nossos alunos da EJA pudesse escolher o seu modo de vida, segundo perspectivas próprias, sem imposições ou modelos prontos.

Ensinar filosofia, desenvolvendo uma leitura crítica midiática, configura-se como um desafio. Segundo Foucault (2009b, p. 09), “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Depreende-se disso que não há neutralidade nos discursos. Como auxiliar os alunos a

perceberem isso, fazendo uma leitura crítica daquilo que está sendo lido, visto, escutado, recebido? A intencionalidade daquilo que se encontra na *internet* não é facilmente percebida por um olhar menos atento.

Na *internet*, de um modo geral, cada *site*, *blog* ou postagem, carrega consigo uma série de crenças e de dogmas arraigados na sociedade. Ao fazer uso dessas mídias, os alunos podem perceber a intencionalidade que nela vige, detectando a finalidade das notícias, das muitas versões que nos são apresentadas. Devemos alfabetizar o olhar de nossos alunos com o intuito de que eles percebam os discursos que ali vigem.

Fischer (2001, p. 198) diz que, para Foucault, “nada há por trás das cortinas [...]. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos”. Nesse sentido, ao pesquisarem na *internet* notícias ditas éticas ou não, dependendo dos *sites* visitados, podem-se perceber as nuances das informações. Cada *site* apresenta a informação do modo que lhe convém, desenvolvendo discursos que possam levar as suas crenças ao consumidor final. Por isso, diz-se que discursos são práticas. Cada palavra terá uma significação dentro do contexto em que é posta e está diretamente relacionada a ações, a práticas de poder e saber.

Desse modo, orientar os alunos quanto ao desenvolvimento de uma leitura crítica dos meios de comunicação, principalmente da *internet*, não é tarefa fácil. É como se eles precisassem ser alfabetizados, inseridos no mundo do discurso como prática social. Segundo Douglas Kellner, com a expansão da mídia, há uma necessidade crescente de se trabalhar com a alfabetização crítica da mídia, proporcionando aos alunos “uma compreensão da ideologia, do poder e da dominação, desafiando noções relativistas e apolíticas de grande parte dos que trabalham com educação midiática” (KELLNER, 2008, p. 702).

Procedimento metodológico da investigação

Primeiramente, utilizamos o laboratório de informática da escola para os alunos pesquisarem na *web* notícias que apresentassem fatos e juízos de valor a

respeito de ações ditas éticas ou não, apontando sempre as devidas referências. Os alunos postaram no *blog* Experimentações Filosóficas³ os dados recolhidos bem como suas considerações sobre os mesmos, havendo uma troca de informações, um compartilhamento de juízos de valor, entre os agentes do processo de ensino e aprendizagem.

A partir de um estudo da perspectiva foucaultiana, desenvolvido durante as aulas de Filosofia, os alunos tiveram um embasamento maior para analisar sob quais aspectos as ações são disponibilizadas na mídia, assim como a intencionalidade com que cada meio veicula as suas informações. Nesse ponto, deve ser lembrado que a pesquisa foi aplicada com 15 alunos da EJA, jovens e adultos imigrantes digitais. Nesse sentido, é sabido que há uma grande dificuldade no uso das novas tecnologias, principalmente de computadores e da *internet* por essas pessoas. Um trabalho de inserção no mundo virtual precisou ser feito concomitantemente às atividades.

Após as postagens dos alunos, foi feito um levantamento dos dados em diário de campo. Compuseram o diário as seguintes informações: *sites* consultados, notícias coletadas, opiniões e teorizações utilizadas. Como os discursos midiáticos influenciaram os alunos – se é que influenciaram alguns – como eles se colocam frente aos jogos de poder que a mídia apresenta, eles conseguem perceber a não neutralidade dos enunciados midiáticos, tornando-se mais críticos e menos suscetíveis ao discurso alheio? Essas são questões que foram levantadas e trabalhadas durante o processo de análise dos dados a partir das colocações feitas pelos alunos no *blog*.

Se não há neutralidade naquilo que a mídia diz ou propõe, há uma intenção, uma finalidade, uma visão política em jogo. Se os alunos conseguiram visualizá-las, poderão compreender as forças que atuam nas interrelações e sobre eles mesmos. Se houve compreensão, as suas próprias ações poderão ser revistas, agindo de forma mais inventiva, autônoma, crítica e responsável.

A partir do que foi mencionado, pode-se dizer que a abordagem metodológica é de cunho qualitativo, pois a pesquisa foi realizada através da utilização de dados

³ Criado pelos pesquisadores durante o curso de Especialização em Mídias na Educação, ministrado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em abril de 2012. Disponível em: <<http://experimentacaofilosofica.blogspot.com.br/>>.

produzidos por observação direta, descrições, comparações e interpretações desses mesmos dados. Dentre as modalidades de pesquisa qualitativa, configura-se como uma pesquisa participante (BRANDÃO, 1984; DEMO, 2004). Schmidt (2006, p. 14) nos mostra que o termo participante sugere

a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que, por sua vez, é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor. Desde as primeiras experiências etnográficas, pesquisador e pesquisado foram, para todos os efeitos, sujeitos e objetos do conhecimento e a natureza destas complexas relações estiveram, e estão, no centro das reflexões que modelam e matizam as diferenças teórico-metodológicas.

Com essa ideia de participante, nos colocamos como colaboradores dos alunos da EJA, procurando auxiliá-los na leitura crítica das informações obtidas nos *sites* da *internet*. Compartilhamos a experiência com os sujeitos pesquisados ao longo de toda pesquisa, observando e registrando o que foi observado (BRANDÃO, 1984; DEMO, 2004).

Como as interpretações são subjetivas, espaço-temporalmente definidas, delimitadas, particulares, não se pretende aqui estabelecer uma resposta absoluta ao problema suscitado. Não há a preocupação de alcançar a verdade, mas apenas uma verdade possível, flexível, mutável. Nesse sentido, elaboramos um discurso a partir de uma realidade específica, levando em consideração uma série de acontecimentos relativos ao processo de desenvolvimento das atividades, incluindo também os discursos midiáticos produzidos e veiculados pelos *sites* da *internet*.

É sabido que nos discursos midiáticos são encontrados enunciados com “certos regimes de verdade, próprios de uma época, produzidos, veiculados e recebidos de formas muito específicas, que falam de um certo tempo e lugar” (FISCHER, 2002, p. 84). Assim, também foram elaborados, ao longo da pesquisa, enunciados que apresentam certa visão da realidade, modos de existência ético-estéticos, que apresentam certas relações de poder e de subjetivação, nunca neutros ou com a pretensão de verdade absoluta.

Resultados e Discussão

Trabalhar com mídias na EJA é um desafio, pois a maioria dos alunos são imigrantes digitais. Em alguns casos, o desconhecimento em relação às novas tecnologias é tanto que alguns não sabem sequer entrar na *internet* ou mesmo digitar um texto no computador. Fazer postagens em *blogs*, procurar *sites* que apresentem ações ditas éticas ou não éticas, não são atividades muito trabalhosas para as pessoas acostumadas com a linguagem digital. Os alunos da EJA que fizeram parte desta pesquisa tiveram dificuldades em realizar as ações. Apesar das dificuldades iniciais, os trabalhos foram ganhando forma. Iniciou-se a atividade de busca em *sites* que pudessem representar ações éticas ou não éticas. A partir de um mapeamento dos *sites* acessados pelos alunos, cujos *links* foram postados no *blog* “Experimentações Filosóficas”, pode-se verificar o fio condutor que nortearia a *práxis* de todas as atividades propostas.

Uma das primeiras postagens no *blog* foi a de um aluno de 19 anos que não apresentou maiores dificuldades na realização das atividades, pois já possuía a instrumentalização necessária para operacionalizar o computador. A notícia avaliada por ele foi a seguinte: “CPI pode encerrar investigação sem votar mais de 500 requerimentos⁴”. Essa reportagem foi retirada de um *site* de notícias da rede Globo, que questionava a demora de uma votação da CPI e conseqüentemente a falta de ética do governo federal. No seu comentário a essa notícia, o aluno 1 disse:

“Como as pessoas se enrolam para resolver algo tão simples! Se fossem pessoas trabalhadoras que tivessem feito algo errado, rapidamente sua sentença estaria pronta. Mas como é para pessoas importantes, eles adiam datas. Essas pessoas nas quais confiamos não fizeram por onde merecer. Deveria haver um tempo para resolver ou questionar os seus erros, pois isso é uma falta de consideração com as pessoas que lutam por um futuro melhor”.

O que deixa transparecer nesse comentário é que o aluno se deixou levar pelas informações veiculadas pelo *site*, sem perceber que o discurso não era neutro ou isento de intenções. Uma perspectiva foi apresentada pelo *site*, entre muitas que poderiam ali ser apresentadas. Um olhar mais atento talvez questionasse mais as

⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/10/mais-de-500-requerimentos-nao-devem-ser-votados-na-cpi.html>>. Acesso em: 31 out. 2012.

informações ali postas, desconstruindo-as, implodindo-as, artistando sobre elas. Todavia, apesar de não perceber a intencionalidade da notícia, o aluno analisou-a conforme sua própria visão de mundo, mostrando-se crítico diante dos acontecimentos.

Outra notícia postada foi a seguinte: “Moradores de Paraisópolis cobram ação social além da presença da PM⁵”. Essa reportagem foi escolhida por uma aluna que, diferente do aluno 1, teve muita dificuldade na realização das atividades. A sua postagem no *blog* precisou ser orientada diretamente, no entanto, conseguiu elaborar sua crítica: “*Eu acho que os moradores deveriam se legalizar primeiro para depois cobrarem dos políticos. Acho que é ético os políticos negarem a indenização aos moradores*” (Aluna 2). O *site* que veiculou essa informação também foi da rede Globo, o que mostra seu poder de atingir as massas.

A aluna 2 também não percebeu a sua intencionalidade, mas, como o seu colega, fez uma crítica de acordo com sua própria perspectiva, mostrando-se autônoma. Antes de cobrar ações de autoridades, deve-se primeiro verificarem-se as próprias ações, deixando-se claro o que se está fazendo em prol da sua comunidade e de si mesmo. Esse tipo de comentário deixa transparecer uma visão ético-estética do mundo, onde todos se auxiliam mutuamente, criando seus valores e escolhendo seu próprio modo de vida.

Um dos alunos, diferentemente da maioria, pesquisou um *blog* que tratava sobre ética. O título da postagem era o seguinte: “*Ética não é só uma palavra, é atitude*⁶”. Sua análise dizia que:

“Ética é muito mais que uma palavra, é atitude. É colocar em prática os valores que temos e achamos corretos, pois nem tudo o que aprendemos desde o berço é o que realmente queremos para a nossa vida. Só com o passar dos anos vamos colhendo dados e informações que julgamos ser útil para nós. Adquirimos liberdade de escolha conforme vamos amadurecendo em nossa vida. Foucault defende a tese de que devemos viver a vida como uma obra de arte e pintar o nosso quadro o mais belo que pudermos. Tanto com acertos e erros (aos olhos da sociedade). Porque o que é óbvio para um, não necessariamente é óbvio para o outro. Livre-arbítrio temos desde que nascemos. A crença maior diz que temos total autonomia em nossas decisões aqui na terra. Então cabe somente a mim modificar-me e fazer o melhor para mim.”

⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/moradores-de-paraisopolis-cobram-acao-social-alem-da-presenca-da-pm.html>>. Acesso em: 31 out. 2012.

⁶ Disponível em: <<http://vidasamoressemrumo.blogspot.com.br/2011/05/etica-nao-e-so-uma-palavra-e-atitude.html>>. Acesso em: 07 nov. 2012.

Enquanto o próximo tem o mesmo direito que eu. Viva e deixe os outros viverem. Cada qual com sua tela e pincel para pintar o quadro de sua vida” (Aluno 4).

Esse aluno falou sobre a sua perspectiva ética, apresentando elementos das teorizações foucaultianas. Pelo que se pode notar, ele compreendeu a questão ético-estética, referindo-se à vida como uma obra de arte. Assim como os colegas, não fez referência à intencionalidade da reportagem retirada do *blog*, mostrando uma apropriação discursiva bastante superficial. Quanto mais questionamos aquilo que está a nossa frente, seja um texto impresso, jornalístico, televisivo, virtual, ou de outros suportes, maior será nossa apropriação do mesmo. Se não houver questionamento, mais passivamente recebemos as informações, não visualizando as finalidades da mídia que as comunica. Segundo Foucault (2009a, p. 112):

qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, nele se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de sucessão, uma distribuição de funções e papéis.

Dessa forma, se todo discurso está impregnado de funções e papéis, cabe ao leitor decodificar as informações ali postas, percebendo a intencionalidade do meio que o veiculou. Obviamente que, para alunos da EJA, que interromperam seus estudos há algum tempo e voltaram à sala de aula somente agora, não é fácil habituar o olhar à desarticulação dos discursos lidos, desmontando-os e reconstruindo-os conforme os questionamentos forem surgindo. É muito mais simples ler um texto passivamente, recebendo as informações sem levantar quaisquer dúvidas, do que fazer um exercício de leitura crítica.

Corroborando com a ideia de que há muita dificuldade entre os alunos da EJA em ler um texto criticamente, outra reportagem apontada por uma aluna foi a seguinte: “Prefeito licenciado considera antiético comportamento do deputado estadual⁷”. Ao analisá-la, a aluna 5 mencionou: “*A atitude do Deputado foi antiética, querendo ganhar seus votos com um ato que não foi conquistado por ele, mas sim*

⁷ Disponível em: <<http://portalsoagitos.com.br/2012/09/prefeito-licenciado-considera-anti-etico-comportamento-do-deputado-estadual/>>. Acessado em: 11 nov. 2012.

pela prefeitura do município. Pessoas desse tipo não devem trabalhar em um local onde a função é trabalhar para a comunidade com sinceridade e sem mentiras”.

Desse comentário, percebe-se que a aluna fez uma leitura superficial da reportagem, sem perquiri-la ou reconstruí-la. Não há percepção de que há egos em jogo, assim como relações partidárias. Cada um, prefeito e deputado, lançam na mídia a sua versão dos fatos, deixando às pessoas a função de avaliá-las conforme perspectiva própria. O problema é que o modo como as informações são colocadas e escritas pelo *site*, leva os leitores a ver somente um dos lados da situação.

As palavras do deputado não estão ali postas, o que deixa transparecer a intencionalidade do *site*: beneficiar um dos lados da situação. Para Foucault (2009a, p. 119), “o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das constatações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade”. Nesse sentido, a aluna 5, assim como os outros colegas, fez uma leitura rápida da notícia, não atentando para a falta de neutralidade da notícia, permitindo que o desejo do *site* fosse alcançado.

Verificou-se que entre as notícias analisadas e postadas no *blog*, a maioria foi de cunho político: principalmente CPI e Mensalão. As ações dos políticos foram consideradas antiéticas pela maioria dos alunos. Isso nos remete às teorizações foucaultianas estudadas em sala de aula. A questão do poder, do disciplinamento dos corpos foi bastante discutida. Segundo Foucault (2009c, p. 133), há uma mecânica do poder que “define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer”. Seja no local de trabalho, na escola, nas instituições em geral, há sempre um “como se portar” e um “como ser”.

Há regras de como se portar em sociedade e essas servem para tornar os corpos dóceis e disciplinados. É muito mais fácil conseguir manipular e fazer calar uma multidão passiva do que uma multidão rebelde, descontente e conhecedora de seus papéis. “Na sociedade, há milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, micro lutas de algum modo” (FOUCAULT, 2003, p. 231). O poder não é algo verticalizado, que vai de uns poucos indivíduos da sociedade para uma maioria subserviente, sofredora e escravizada. O poder está em todas as direções, espaços, instituições ou mídias.

Percebemos que a mídia faz parte de nossas vidas. Em qualquer casa há pelo menos um rádio ou uma televisão com canais abertos, formas midiáticas de comunicação de massa que alcançam os indivíduos. Além de estar presente nas escolas, acessível a toda comunidade escolar, a mídia é uma ferramenta que pode aperfeiçoar o trabalho docente, oportunizando aos alunos uma aprendizagem mais colaborativa.

Durante a procura por discursos, notícias ditas éticas ou antiéticas pelos *sites* da *internet*, ficou claro o quanto há manipulação de ideias, tentativas de vontade de verdades e poderes. Certamente que a maioria dos alunos não percebeu a falsa neutralidade dos *sites* que veiculavam as notícias, as tentativas de manipulação tanto do fato ali descrito como da falsa retórica do convencimento, pois isso demanda tempo e dedicação.

No entanto, eles já haviam sido vacinados contra a vontade de verdade durante os estudos foucaultianos, recebendo o vírus da vontade de criação em seus corpos ainda dóceis. Ter uma visão diferenciada levará tempo, não será durante as aulas de Filosofia, mas deverá ser um exercício diário, de desassossego frente ao discurso veiculado pela mídia em geral. Os alunos foram vacinados; quando a doença se manifestar, conseguirão inventar-se a si mesmos, tornado-se artistas de seus próprios quadros.

Considerações Finais

Ao finalizar o trabalho acreditamos que um desafio foi vencido: desacomodar os alunos da EJA, os quais geralmente encontram-se acostumados com o mesmo, o tradicional – o processo de ensino e aprendizagem baseado na mera memorização de dados, muitas vezes irrelevantes e ultrapassados. Propiciar uma dinâmica diferenciada, onde os alunos devam ser agentes do próprio processo de aprendizagem, colaborando para a construção de saberes da turma como um todo, é um recurso que deve ser levado à sala de aula. Não podemos mais fechar os olhos às mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo ao longo dos anos. Nossos alunos, principalmente da EJA, em sua maioria imigrantes digitais, devem ter acesso

às novas tecnologias, pois muitas vezes a escola é o único veículo de acesso ao mundo virtual.

Por meio da pesquisa, observamos que os alunos, apesar de “comprarem” as ideias veiculadas pelos *sites* da *internet*, conseguiram desenvolver uma análise crítica das notícias. Eles perceberam que fazem parte de uma sociedade repleta de problemas, que devem ser atores das próprias vidas, questionando aquilo que lhes é transmitido. A perspectiva foucaultiana trabalhada durante as aulas de Filosofia passou da teoria à prática.

Os alunos mostraram-se artistas-inventivos quando postaram sua visão de mundo no *blog*. Valores puderam ser percebidos, acrescentando-se também uma gama de perspectivas e conhecimentos adquiridos além dos muros escolares. Houve criação e não reprodução de teorias ultrapassadas. Obviamente que a falsa neutralidade não foi de todo percebida, mas houve crítica, análise racional, posicionamento.

Os alunos passaram de espectadores a atores dos próprios espetáculos, tornando suas vidas mais coloridas, divertidas, experimentando possibilidades de ser. Contudo, não houve uma grande preocupação em analisar as notícias profundamente, buscando a sua veracidade ou a intencionalidade das informações contidas nos *sites* pesquisados.

Nosso objetivo inicial de explorar as mídias no que concerne às ações éticas ou antiéticas veiculadas por *sites* da *internet* foi alcançado. Houve uma tentativa de ler criticamente as informações disponibilizadas na *web*. Todavia, nossos alunos precisam desenvolver mais sua capacidade analítica, percebendo as relações de poder que permeiam toda forma discursiva. Não é fácil se desvencilhar da retórica discursiva que tenta vender modos de vida, estabelecendo ao público falsas necessidades e desejos alienantes. Mesmo para os mais atentos, é difícil não se emocionar diante do mar de cores, sons, imagens e possibilidade de interação da *web*.

Muitas vezes nos pegamos desejando avidamente um produto, uma marca, um estilo, sem questionarmos a real intenção das peças publicitárias. Se para os mais atentos é difícil desvincular-se dos juízos imediatos e superficiais frente a informações, o que esperar de nossos alunos, acostumados com uma educação

tradicional que preza a reprodução em vez da criação? Precisamos usar a mídia como aliada no processo de construção de saberes de nossos alunos, suscitando a autonomia, a cooperação, a colaboração e a participação ativa dos mesmos no ambiente escolar ou, no meio em que estão inseridos.

Ressaltamos que a experiência realizada consistiu em um caso específico – um recorte espaço-temporal. Não estabeleceremos aqui uma conclusão universalmente válida, dando a solução infalível ao caso. Fizemos uma tentativa de desenvolver um conteúdo filosófico com o auxílio da mídia, precipuamente do computador conectado à *internet*. Se esse conteúdo foi assimilado por todos os alunos igualmente, não sabemos. Se todos conseguiram tirar algum proveito dessa experiência, transformando seus modos de ser no mundo, deixando de ser tábulas rasas e passando a ser artistas-inventivos de suas próprias vidas, também não nos atreveremos a responder. O que podemos postular é que lançamos sementes desconfortantes aos discentes, fazendo-os pensar e repensar sobre o cuidado se si e do próximo.

Referências

ARAÚJO, P. C de. O *blog* “na era da informação” como ferramenta de compartilhamento de informação, conhecimento e para a promoção profissional. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v.15, n.1, p. 201-213. jan./jun. 2010.

BRANDÃO, C. R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORAZZA, S. M. O docente da diferença. In: IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares e VIII Colóquio sobre Questões Curriculares, 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008.

DEMO, P. *Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Líber Livro, 2004.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 21, n. 55, p. 58-77, nov. 2001.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 127-223, nov. 2001.

FISCHER, R. M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 83-94, maio/ago. 2002.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009b.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2009c.

HERMANN, N. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educação Social*, Campinas, v. 29, n. 104, p. 687-715, out. 2008.

LOPONTE, L. G. Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para a docência. *Educação e Realidade*, v. 28, n. 2, p. 69-82, jul./dez. 2003.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, jun. 2006.

VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Submetido em 19 nov. de 2015, aprovado em 23-02-2016